O FEMINISMO E A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA NA OBRA *O AMANTE DE LADY CHATTERLEY* [1]

Anderson Pinheiro Ribeiro[2]
Elis Regina Fernandes Alves[3]

RESUMO: Este artigo objetivou analisar o feminismo e a construção da personagem feminina na obra *O amante de Lady Chatterley*, de D.H. Lawrence, de 1928. Discutiu-se sobre o papel que a mulher ocupava no final do século XIX até o início do século XX, atentando para a forma como a mulher era vista pela sociedade, seus deveres e o que era vetado a elas, além do conceito de feminismo e o que ele busca. Após, buscou-se entender o feminismo na literatura, fazendo um breve resumo histórico do seu surgimento, suas precursoras, e a descrição das fases do feminismo literário: fases feminina, feminista e fêmea. O aporte teórico utilizado foi: Alves e Pitanguy (1985), Bonnici (2007), Beauvoir (1980 a e b), Zolin (2003 a e b), Woolf (1990), entre outros. A análise revelou que a protagonista rompe com os padrões da sociedade de sua época de diversas formas: conhece o sexo antes do casamento; procura amantes quando o marido volta incapacitado da guerra; tenta conhecer o próprio corpo para ter prazer sexual; tem a coragem de pedir o divórcio de um marido rico e bem visto para estar com o amante, de classe social inferior. Assim, Constance se rebela contra a sociedade patriarcal, agindo de forma ativa e insubmissa.
Palavras-chave: Feminismo literário. Fases do feminismo. *O amante de Lady Chatterley*.

ABSTRACT: This article had the objective to analyze the feminism and the construction of the female character in the work *Lady Chatterley's Lover***,** of D. H. Lawrence, of 1928. We discussed about the role that the woman had in the ending of the XIX century until the start of the XX century, focusing on the way the woman was seen by the society, her duties and what was forbidden to them, besides the concept of feminism and what it searched. After, we searched to understand the feminism in literature, making a brief historical summary of its beginning, the precursors, and the description of the phases of the literary feminism: feminine, feminist and female phases. The theoretical authors used were Alves and Pitanguy (1985), Bonnici (2007), Beauvoir (1980 a and b), Zolin (2003 a and b), Woolf (1990), among others. The analysis revealed that the protagonist breaks whit the patterns of the society of its time in different ways: she knows the sex before marriage; she seeks lovers when her husband returns disabled from war; she tries to know her body to achieve sexual pleasure; she has the courage to ask the divorce from a wealthy and well-liked husband to be with her lover, of a lower social class. Therefore, Constance rebels against the patriarchal society, acting in an active and unsubmissive way.
Key words: Literary Feminism; Feminism Phases; *Lady Chatterley's Lover*.

1. INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa, o feminismo e a construção da personagem feminina na obra *O amante de lady Chatterley*, faz-se de suma importância pelo fato de mostrar uma visão da evolução das conquistas das mulheres ao longo do tempo, nos mais diversos campos. O objetivo da análise é mostrar que ao longo dos séculos as mulheres começaram a avançar em termos de conquistas de direitos sociais, ganhando direito ao divórcio e à liberdade sexual,

[1] Artigo científico apresentado à Banca Examinadora como requisito para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso e obtenção de grau de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa no semestre 2019/1.
[2] Acadêmico do Curso de Letras IEAA/UFAM.
[3] Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso e Professora do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/UFAM.

porém esses direitos enfrentam barreiras até hoje para serem garantidos e o romance que será analisado evidenciará a evolução do papel feminino dentro da sociedade patriarcal e a emancipação feminina no casamento e na vida sexual.

Analisa-se a forma como a personagem é construída, o modo como evolui em termos de busca por direitos, as circunstâncias que fazem com que ela seja uma personagem com características à frente do seu tempo. Destaca-se também a linguagem que o autor utiliza para descrever essa personagem, com riqueza de detalhes da sua gradativa evolução.

Para essa pesquisa utiliza-se uma metodologia que é baseada no levantamento teórico de autoras que trabalham com a temática do feminismo, como Alves e Pitanguy (1985), Bonnici (2007), Beauvoir (1980 a e b), Zolin (2003 a e b), Woolf (1990), entre outros. A pesquisa é qualitativa e bibliográfica, pois haverá o levantamento histórico do feminismo na literatura, para depois trechos da obra serem extraídos para se revelar a construção da personagem protagonista da obra como uma mulher à frente de seu tempo, em busca da satisfação sexual.

2. FEMINISMO: ASPECTOS HISTÓRICOS E LITERÁRIOS

Ao longo dos séculos as mulheres sempre tiveram mais deveres do que direitos perante a sociedade patriarcal, um exemplo disso é que elas podiam exercer poucas funções, dentre estas eram: cozinheira, governanta, costureira. Essas eram funções de pouquíssima importância para os homens. Em contrapartida aos deveres, obrigações e proibições eram muitos, alguns exemplos são: não podiam votar, não podiam escolher o marido, não podiam estudar, não podiam se divorciar, não podiam ter relações fora do casamento, deveriam se casar com quem o pai escolhesse, deviam ser mães, não podiam gerir a própria herança, não podiam ter propriedades, não podiam frequentar a universidade. Vejamos, o que Alves e Pitanguy abordam:

> Na Grécia a mulher ocupava posição equivalente à do escravo no sentido de que tão-somente estes executavam trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelo homem livre. Em Atenas ser livre era, ser homem e não ser mulher, ser ateniense e não estrangeiro, ser livre e não escravo. [...] Tendo como função primordial a reprodução da espécie humana, a mulher não só gerava, amamentava e criava os filhos, como produzia tudo aquilo que era diretamente ligado à subsistência do homem: fiação, tecelagem, alimentação. [...] A essa divisão concreta de atividades correspondiam valorações diversas. O "fora de casa", onde se desenvolviam atividades consideradas mais nobres – filosofia, política e artes – era o campo masculino. (1985, p. 11-12)

Tendo como base a fala das autoras, se torna bem visível o papel que era ocupado pelas mulheres, papel esse que elas tinham que aceitar como obrigação pelo fato de terem nascido mulheres. As mulheres eram vistas como incapazes de pensar, por isso eram excluídas dessas áreas e eram postas para fazer os trabalhos pesados. Pois, nas sociedades patriarcais era dito que só os homens eram inteligentes. Alves e Pitanguy (1985, p. 12) afirmam que: "[...] a mulher grega não tinha acesso à educação intelectual.", dessa forma torna-se totalmente explícito o quanto era desacreditado o intelectual feminino.

Nesta mesma linha de pensamento, temos os casos em que as mulheres são inferiorizadas pelos seguintes lugares que por elas são ocupados, sendo estes: a maternidade, pelo fato de nas sociedades patriarcais ser dito que as mulheres ficam mais frágeis fisicamente; amamentação, já que as mulheres ficam de um certo modo presas aos bebês; relação sexual, devido à subjugação masculina no ato do sexo; casamento, pelo fato de perder o sobrenome e perder o direito de gerir a sua própria herança. Todos esses fatores são utilizados como formas de inferiorizar o sexo feminino. Beauvoir afirma que (1980, p. 83) "Eis por que nelas a mulher não encontra motivo para uma afirmação altiva de sua existência: ela suporta passivamente seu destino biológico." Então, fica explícito como era utilizado o discurso pseudo biológico para reforçar a inferioridade da mulher.

Com base nessa suposta inferioridade feminina, as mulheres foram excluídas de vários papéis que seriam somente masculinos, por exemplo, nas áreas de políticas, intelectuais e de poder, entre esses papéis também estava o da escrita. E devido a todos esses fatores, as mulheres começaram a reivindicar mudanças, com isso, foi dado início às lutas sociais em vários campos (lutas essas que mais tarde foram denominadas como feminismos). Com esses manifestos sociais as mulheres queriam direitos, como: votar, gerir a própria herança, ter escolarização, participação na política, escolher com quem casariam, se divorciar e mais adiante ter direito ao aborto. (ALVES e PITANGUY, 1985).

Vários pequenos movimentos sociais em favor de direitos das mulheres foram desenvolvidos desde a Idade Média, ocorreu movimentos na Inglaterra durante os séculos XVI, XVII e XVIII que pregava que as diferenças entre o homem e a mulher não vinham do gênero, mas sim da educação diferenciada que era concedida para ambos. Houve também um protesto no século XVI, na França, contra "a morte civil" da mulher que era excluída da família, da política e da economia. No século XIX, também foi reivindicado o direito de a mulher poder ter prazer fora do casamento, por Claire Demar. Essas lutas foram articuladas de formas inovadoras para tentar exterminar as barreiras que eram impostas às mulheres, devido ao seu

sexo, para assim terem acesso à vida política, militar, científica, entre outras, que para elas era vetada qualquer participação (MICHEL, 1982). É possível reforçar essa ideia de organização e objetivo desses movimentos também na esfera privada através da fala das autoras Alves e Pintaguy (1985, p. 9): "[...] o feminismo não é apenas o movimento organizado, publicamente visível. Revela-se também na esfera doméstica, no trabalho, em todas as esferas em que as mulheres buscam recriar relações interpessoais sob um prisma onde o feminino não seja o menos, o desvalorizado."

Todas essas lutas em vários campos foram refletidas também na literatura, havendo assim influenciadoras que publicaram manifestos pelos direitos feministas, que não foram muito fáceis de serem conquistados, pois se tratando de literatura, as mulheres sempre foram descritas por autores masculinos com estereótipos, geralmente negativos, portanto, isso foi um obstáculo na luta pelos direitos das mulheres. Mas, a crítica literária feminista em sua profundidade política encarregou-se de interferir na ordem social, e no campo da literatura empenhou-se em desconstruir o caráter de discriminação das ideologias de gênero. De acordo com Zolin (2003a, p.162) "O objetivo [...] é a transformação da condição da mulher subjugada. Trata-se de tentar romper com os discursos sacralizados pela tradição [...] desconstruir a oposição homem/mulher."

De acordo com Zolin (2003a), no século XVIII, Mary Astell, em 1730, fez um documento chamado *Some reflections upon marriage*, no qual Asttel critica o fato dos homens serem livres e as mulheres nascerem escravas nas sociedades patriarcais, ela também discute sobre a questão de os homens serem detentores dos conhecimentos científicos. Marie Olympe Gouges, em 1791, fez a *Déclaration des droits e la femme et de la citoyenne* que se trata da declaração dos direitos da mulher e da cidadã, neste documento Gouges defende que as mulheres necessitam ter todos os mesmos direitos que os homens tinham. No ano de 1792, Mary Wollstonecraft escreve *A Vindication of the rights of Womam*, neste clássico ela reivindica a extensão dos ideais da Revolução Francesa para as mulheres, tendo seu discurso apoiado nos danos históricos sofridos pelas mulheres com o abuso das sociedades patriarcais. No século XIX, essas manifestações aumentaram ainda mais, conforme aponta Zolin (2003a, p. 164):

> Em 1840, as americanas Elizabeth Cady Stanton, Susan B. Anthony e Lucy Stone passaram a liderar um sólido movimento pelos direitos das mulheres. As duas primeiras criaram a *National Woman Suffrage Association*, que além de reivindicar o voto feminino, lutava pela igualdade legislativa, enquanto Stone criava a *American Woman's Suffrage Association*, que somava às reivindicações sufragistas outras ligadas à reforma das leis do divórcio. Essas

> duas organizações foram fundidas em 1890 para formar a *National Amarican Woman's Suffrage Association* (NAWSA), que, contando com o apoio de outras ativistas, conseguiu o direito de voto às mulheres americanas, em 1920.

Com tantas lutas sociais e reivindicação de direitos, nomes feministas começam a se destacar também na literatura, como é o caso de Virginia Woolf, considerada a primeira grande feminista na literatura, reconhecida pelo prestígio de escrever ficção e também crítica literária. Em "*Um teto todo seu*", Woolf tematiza as relações da mulher com a literatura, explica que a mulher só pode se tornar escritora se possuir um teto todo seu: "Tudo o que eu poderia fazer seria dar-lhes a minha opinião sob um ponto de vista mais singelo: uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção." (2014, p.10) Fica explícito que ter um teto todo seu significa que a mulher deveria ter direito a trabalhar, estudar, ter sua própria renda, ou seja, a mulher deve ser independente.

Outra grande expoente do feminismo como corrente literária e filosófica foi Simone de Beauvoir que, no ano de 1949, publicou a obra "*O segundo sexo*". Ela tematiza o que é ser mulher e explica que ser mulher faz parte de um construto social que foi desenvolvido pelas sociedades patriarcais. Beauvoir afirma que "Não se nasce mulher, faz-se mulher" (1980a, p. 249). Isso significa que a sociedade patriarcal determina o que a mulher pode ou não ser. Estendendo essa ideia para o campo literário, entende-se que a figuração das personagens femininas em obras literária também "constrói" a imagem da mulher de acordo com o que a sociedade patriarcal impõe ao gênero feminino.

Com o estudo de todas essas escritoras, entre 1960 e 1970, ocorreu uma sistematização da crítica literária feminina, que teve como marco o lançamento do livro *Sexual Politics*, no ano de 1970, da escritora Kate Millet. Neste livro são apresentadas as características que eram dadas às protagonistas femininas em obras literárias de cunho masculino. Zolin (2003a) afirma que:

> [...] é recorrente o fato de as obras literárias canônicas representarem a mulher a partir de repetições de estereótipos culturais, como, por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz e, entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam. (p. 170)

Evidencia-se a maneira como as mulheres eram representadas na escrita masculina. Outra teórica foi Elaine Showalter, que estudou as escritoras femininas e, assim, percebeu como a escrita feminina é diferente da escrita masculina, dessa forma ela elaborou a ginocrítica, que de acordo com Bonnici (2007) "[...] consiste numa prática de crítica literária centrada na mulher, privilegiando as críticas de mulheres em relação a textos escritos por mulheres (p.132)." A partir desse estudo, Showalter percebeu que existiam padrões que se repetiam nas

representações das personagens femininas e dessa forma criou as fases do feminismo. As análises dos padrões foram feitas também em obras de autoria masculina, com o intuito de explicitar que haviam escritores muito marcados por estereótipos, mas, no entanto, conseguiram se livrar dessa forma de retratar as mulheres de formas estereotipadas, passando a mostrar em suas obras mulheres com as mais diversas características.

Como um exemplo de obras que não se enquadram em apenas uma fase específica, temos o livro *Mrs. Dalloway,* da escritora Virgínia Woolf, em que a protagonista Clarissa oscila entre a fase feminina e a fase feminista pelo fato dela ter conhecido o sexo antes do casamento, ter tido uma relação homossexual, o que era quase impensável na época, mas acaba se adequando aos moldes da sociedade patriarcal e se casando, mesmo que o casamento não lhe trouxesse satisfação. Sendo assim, esse livro é um exemplo de como as obras podem oscilar, dessa forma elas não possuem limites temporais, pois a representação das mulheres varia conforme varia a sociedade. Beauvoir diz que os direitos das mulheres nunca estão assegurados, basta uma mudança social ou política para desestabilizar o que é ser mulher. Isso significa que as conquistas femininas têm que estar em constante acompanhamento para que não sejam perdidas, devido às revoluções sociais, políticas ou governamentais. Neste sentido, as obras literárias que retratam mulheres refletem essas instabilidades também, de modo a criticar ou tentar mudar tais padrões impostos às mulheres.

3. O FEMINISMO E A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA NA OBRA *O AMANTE DE LADY CHATTERLEY*

David Herbert Lawrence (1885-1930) foi um escritor que tematizou as relações familiares, o amor e o sexo. Na época de sua morte, era visto como um escritor que perdeu o seu tempo escrevendo pornografia, fazendo com que o seu talento literário passasse a ser visto como desperdiçado. Os romances *O arco-íris* (1915), *Mulheres apaixonadas* (1920) e entre outros focaram muito na sexualidade dos personagens, causando uma espécie de controvérsia no mundo literário, fazendo até com que o autor fosse censurado, sendo assim exilado para fugir da moralidade da sociedade da época. Lawrence falava sobre a sexualidade de forma explícita, descrevendo até mesmo atos sexuais, utilizando suas experiências de vida muitas vezes como pano de fundo em suas obras, nas quais retrata seus problemas com sua mãe e um certo complexo de Édipo. Além disso, as personagens femininas criadas por ele eram retratadas

com muita liberdade sexual, buscando prazeres sexuais que, até então, eram um verdadeiro tabu na sociedade patriarcal. (SOARES, [s.d.]).

A obra *O amante de Lady Chatterley* conta a história de Constance, uma mulher que teve uma criação um pouco diferenciada das outras mulheres da sua época, ela teve contato com o sexo quando jovem e fora do casamento. Mas, devido aos moldes que a sociedade patriarcal impõe, ela acaba se casando com Clifford Chatterley, que não muito tempo depois do casamento teve que ir para a guerra, e retornou debilitado e preso à uma cadeira de rodas. Dessa forma ele passa a depender da ajuda da mulher para praticamente tudo, e com o passar do tempo isso vai desgastando Constance que vai se enjoando dessa vida, e passa a sentir que falta algo que a faça feliz e viva. É perceptível que ela sente falta de sexo. Dessa forma, ela tem um primeiro amante, mas esse não a satisfaz da forma que ela desejava, e assim acabam o romance. Depois de algum tempo, conhece Mellors, que era o guarda-caça de seu marido, então ela passa a ter um envolvimento sexual com ele, que evolui para um relacionamento amoroso. E já não suportando viver ao lado de Clifford ela decide pedir o divórcio, para poder passar a viver com Mellors e constituir uma família.

A protagonista Constance era filha de pais que eram verdadeiros destaques no campo da pintura e da mentalidade, tendo assim uma educação diferenciada, viajando para muitos lugares e acessando assim diversos conhecimentos nas áreas das artes, política, música, filosofia, etc. Com isso ela cresceu com muita liberdade, inclusive liberdade sexual. Vejamos:

> Eram livres. Livres! Eis a grande palavra. Soltas no mundo, soltas pelas florestas com magníficos rapagões, gozavam a liberdade de fazer o que lhes prouvesse e sobretudo, de dizer o que sentiam. Era essa conversa livre o que mais as encantava – essa libérrima troca de impressões. O amor entrava apenas como acompanhamento secundário. Tanto uma como outra se iniciaram no amor aos dezoito anos. Espicaçados por aquela liberdade, os companheiros masculinos tornaram-se exigentes – quiseram tudo. A princípio as moças hesitaram; mas tanto haviam discutido o amor que já não tinha importância esse tudo. Além disso, os rapazes mostravam-se tão humildes, tão implorativos... Não era agirem como rainhas o darem-se a eles generosamente? (LAWRENCE, 2008, p. 28-29)

Como podemos observar, evidencia-se uma liberdade sexual incomum às mulheres da época, além de uma certa ironia no fato de os rapazes praticamente se humilharem para conseguir das moças o que eles queriam, pondo-as como bondosas majestades ao cederem a eles, dessa forma ocorre a inversão de papéis, mostrando o masculino como submisso ao invés das mulheres, assim é perceptível que as mulheres não eram tão submissas como a sociedade patriarcal acreditava que fossem, tornando, então as mulheres à frente do seu tempo.

Apesar da educação que Constance teve, ela acaba se adequando ao que a sociedade patriarcal impõe e assim se casa com um homem tradicional, sendo ele lorde e rico, pois esse era o padrão de homem que as mulheres deviam procurar para o casamento, pelo fato de que elas precisavam de estabilidade financeira no casamento, pois era o homem quem deveria arcar com as necessidades de casa, já que a mulher não podia trabalhar, elas deveriam cuidar somente dos afazeres domésticos e também gerar filhos. Apesar de este homem ser, em aparência, o marido ideal, o casamento logo se mostra um fracasso:

> Casara-se com Clifford Chatterley em 1997, durante uma licença por ele passada em Londres. A lua de mel durou um mês. Terminada que foi, partiu o moço para o *front*, em Flandres, donde regressaria seis meses depois, aos pedaços. Constance tinha então 23 anos e ele 29. [...] Constance e Clifford foram instalar-se na residência senhorial de Wragby Hall, a "sede" do clã. Já não existia seu pai e Clifford era baronete – era Sir Clifford e Constance, Lady Chatterley. (LAWRENCE, 2008, p. 27)

Como podemos observar, ressalta-se a questão da idade dos personagens para que sejam observados os danos a uma moça tão jovem, que com o passar do tempo percebe o quanto o fato de se enquadrar na imposição do casamento fez mal para ela, pois começa a definhar, como se nota:

> Sempre, sempre, aquele viver monótono em companhia do esposo inválido [...]. E o tempo passava. Tudo que acontecia, de fato não acontecia, tanto se afastara do mundo. [...]. Mas a inquietação em Constance era crescente. Aquele isolamento de tudo quase a enlouquecia. Sentia tiques pelo corpo, quando desejava estar tranquila, e tal mal-estar que às vezes se lançava a nado na piscina, como para libertar-se de alguma coisa. Seu coração palpitava sem motivo. Entrou a emagrecer. [...]. E vagamente se sentia enlanguescer naquele apartamento de tudo; perdera qualquer contato com o que há de substancial ou vital no mundo. (LAWRENCE, 2008, p.38-40).

Podemos observar claramente o quanto esse casamento não a satisfazia, e isso acarretou mudanças em seu corpo, passando ele a dar demonstrações de que algo faltava, deixando-a inquieta, com sentimento de solidão, desânimo, sem objetivos, sem nenhum prazer, o que se percebe no uso das expressões *viver monótono, inquietação, isolamento, enlouquecia, tiques pelo corpo, mal-estar, coração palpitava, emagrecer, enlanguescer*. O uso dessas expressões, o excesso de adjetivos leva o leitor a adentrar na solidão da personagem, sentindo suas próprias inquietações. Além de viver presa a esse casamento estéril, há, ainda o fato de que os objetivos do marido em se tornar um grande escritor se transformam no foco da vida do casal. Mas, na verdade, Constance não tinha objetivo nenhum, passando a viver em função dos desejos literários do seu marido, ocupando somente a função de esposa, como pode ser visto:

> O universo resumira-se em Clifford e em sua obra, a qual também não existia, já que nada tinha no fundo. Vazio! Tudo vazio! Constance boiava numa permanente sensação do vazio de tudo. Estava como se houvesse chocado a cabeça numa pedra. [...]. Constance admirava-se da cegueira do marido, daquela fúria de tornar-se célebre num continente amorfo, que ela não conhecia e lhe inspirava até medo, daquela eterna ânsia de ser cotado com um dos escritores modernos de mais valor. [...] Wragby passou a encher-se de gente de toda a espécie. Na fúria de conquistar reputação, ele jogava com todos os materiais. (LAWRENCE, 2008, p. 40-41)

Destaca-se acima a linguagem usada, fazendo comparações com a obra do marido e a vida de Constance, como ambas eram vazias, ela era vazia pela falta de objetivos, foco e principalmente por não ter alegria, já a escrita do marido era vazia pois não tinha qualidade, havia somente o objetivo dele de ser bem-sucedido. Nas sociedades patriarcais, era muito comum a maioria das mulheres viverem a vida do marido, mas Constance fugia desse padrão, pois ela teve outra criação, teve um conhecimento de mundo muito diferente antes de se casar e esse casamento faz com que ela se sinta abatida, sufocada, ansiando por mais, por coisas diferentes que a fizessem feliz. Obviamente que muitas mulheres se sentiam como ela, mas Constance tem a coragem de tentar mudar isso.

Como uma tentativa de dar um sentido para sua vida, Constance rompe com os padrões da sociedade, aconselhada até mesmo pelo pai: “Seu pai advertiu-a de novo. – Por que não procura um amante, Constance? Isso lhe faria bem.” (LAWRENCE, 2008, p. 40). Constata-se pela fala do pai, que ele também não era um homem típico para aquela época, mostrando-se um homem que compreendia que a falta de sexo causava muito mal para a sua filha, é um pensamento que passaria pela cabeça de pouquíssimos homens nesta época, já que, conforme percebemos em Beauvoir, os homens não se preocupavam com a satisfação sexual das mulheres, já que o prazer sexual feminino era visto como sujo, obsceno, algo só permitido aos homes. Com o fato de o marido ter passado a chamar muitas pessoas para hospedar em sua casa, ela acabou por achar um amante entre esses hóspedes, o irlandês Michaelis.

> Seu tipo despertava em Constance uma espécie de enternecimento compassivo, e também um desejo selvagem. Desejo que não satisfazia. Tinha o coito muito rápido, acabava depressa e abandonava-se sobre seus seios, deixando-a desapontada, perdida. Constance, entretanto, breve aprendeu o modo de conservá-lo dentro de si mesma depois do espasmo. E nisso Mick mostrou-se generoso e de forte potência; deixava-se ficar dentro dela, dava-se-lhe todo, enquanto Connie, assumindo a ativa, trabalhava apaixonadamente até gozar. E ao vê-la realizando a satisfação orgânica sobre sua passividade ereta, sentia um curioso orgulho. (LAWRENCE, 2008, p. 48)

O ato sexual dos amantes é descrito de forma minuciosa, havendo um jogo de palavras que nos permite ver muito mais do que o simples ato sexual, mas também o envolvimento de dois seres que se ajudam, invertendo até mesmo os papéis para que ambos se satisfaçam com o prazer obtido no sexo. Mas, o envolvimento com este amante não a satisfazia, pois ele chegava ao gozo muito rápido e ela tinha que chegar ao seu orgasmo por conta própria, e Michaelis reclama disso, como se nota: "Por que razão não há de gozar ao mesmo tempo que eu? Que necessidade essa, de só gozar por esforço próprio? [...] Como a maioria dos homens de hoje, ele havia acabado muito no começo- o que força a mulher passar à ativa." (LAWRENCE, 2008, p. 72). O fato de ela só conseguir obter prazer por seu próprio esforço incomoda Michaelis, no entanto, ele não percebe que o causador disso é ele mesmo, já que chega ao gozo precocemente, deixando-a insatisfeita sexualmente.

Essa insatisfação sexual era algo muito comum para as mulheres, sendo retratada até mesmo por Beauvoir em relatos sobre o que passou em seu casamento: "Depois de dois anos o coito foi-se tornando cada vez menos satisfatório. Provocava raramente o orgasmo, meu marido tinha-o sempre antes de mim; eu observava cada sessão ansiosamente (quanto tempo vai ele continuar?). Se satisfeito, me largava ao meio, eu o odiava." (BEAUVOIR, 1980 II, p. 191). Pode-se perceber que tanto a personagem quanto Beauvoir sentem e reclamam da falta de prazer sexual, ou seja, elas eram conscientes do que acontecia, dessa forma fugiam aos modelos de mulheres da sociedade patriarcal, que se culpavam por isso. A fala de Beauvoir, sobre o seu próprio casamento, evidencia isso: "comecei a sentir-me muito infeliz, tinha vergonha da minha estupidez, acreditava-me culpada e mal feita" (BEAUVOIR, 1980b, p. 190). Nota-se que as mulheres se culpavam ou achavam que o sexo era assim mesmo, sem nenhum prazer para a mulher. Mas Constance não, pois ela passa a conhecer o seu corpo e saber da necessidade de também obter prazer através do sexo.

Constance foge também os padrões pelo fato de ter curiosidade em ter conhecimento do seu próprio corpo, fazendo algo que na sociedade patriarcal era abominável, como podemos observar: "Quando Constance subiu ao seu quarto, fez o que havia muito tempo não fazia: despiu-se diante do espelho grande. Não saberia dizer o que levava a isso, entretanto mudou a posição da lâmpada para que a luz batesse em cheio sobre sua carne." (LAWRENCE. 2008, p. 87). Essa busca por reconhecimento do seu próprio corpo influencia em descobrir como obter prazer sexual, o que lhe impulsiona a encontrar um novo amante, que será Mellors, o guarda-caças de Clifford. Inicialmente ela não tem muita empatia por ele, mas com o passar do tempo eles se aproximam, tornando-se amantes, como podemos ver:

> – Deite-se – disse ele: e fechou a porta, deixando o recinto em completa escuridão. Com estranha obediência, Constance deitou-se, e sentiu a suave mão errante que a apalpava em procura do rosto, mão que a acariciou docemente, infinitamente e calmamente. Depois sentiu o contato de um beijo na face. Constance quedou-se estendida, completamente imóvel, numa espécie de sono. [...]. Mão que soube despi-la como convinha. Sua leve calça de seda foi descida até os tornozelos. Depois, com um frêmito intenso de prazer, aquele homem tocou em seu corpo macio e lhe arrepiou o ventre com um beijo. Ia entrar, ia penetrar nela, na paz que era seu corpo suave e imóvel. Foi um momento de paz perfeita essa penetração em corpo de mulher. (LAWRENCE, 2008, p. 129)

Observa-se neste paragrafo como é descrita a cena dos amantes, é mostrado não apenas o ato sexual, mas sim com a descrição exata das carícias que Mellors fazia em Constance, tornando a cena algo que vai além do sexo, passando a ser um prazer, algo satisfatório para ambos, sendo um momento de alegria. Nota-se também que há a preocupação por parte do homem com o prazer sexual feminino, o que diferencia Mellors de Michaelis e Constance também está um pouco diferente, sendo mais exigente, mais consciente do seu próprio corpo. Diferente do caso de Beauvoir, cujo sexo só piorou com o passar do tempo, aqui o sexo melhorou, pois, vemos uma mulher que conhece seu corpo e exige do parceiro a sua satisfação, também temos um parceiro que não é egoísta, sexista, que também se esforça para dar prazer à sua parceira, como podemos ver:

> E como também ele se houvesse despido na frente, houve perfeito colamento das epidermes ao dar-se a penetração. Mellors penetrou-a e ficou parado dentro dela, túrgido e palpitante, até perceber o começo do orgasmo de Constance e não ritmou os movimentos de vai-e-vem. Frementes, frementes, como o palpitar de leve chama, leve e macia como pluma, as entranhas de Constance começaram a derreter-se lá dentro. [...]. E Lady Chatterley não teve consciência dos gemidos e gritinhos selvagens que dava [...]. Daquela vez tudo era diferente, diferente. Por si só nada podia fazer – como com Michaelis" (LAWRENCE, 2008, p. 145)

Vê-se aqui algo que mais uma vez faz da protagonista uma mulher à frente do seu tempo, pois a sociedade machista considerava que as mulheres que tinham orgasmos eram indignas, sendo o orgasmo algo apenas para as prostitutas, já às mulheres puras, dignas de serem esposas, o ato sexual era simplesmente para satisfação do marido e também para gerar herdeiros. Pode-se também ser observada a maneira minuciosa como o autor descreve o ato sexual, tornando-se inovador para a sua época, pois o sexo, nas obras literárias era, até então, pouco descrito, metaforizado. No início da obra, o autor não descreve o sexo de forma explícita, como quando fala do sexo com os rapazes alemães e o sexo inicial com Michaelis, no entanto, aos poucos, ele vai explicitando mais o ato, como uma forma de evidenciar, com estas descrições, o próprio

avanço do conhecimento do corpo de Constance e como ela consegue, cada vez mais, atingir o prazer sexual. É possível perceber também a ironia utilizada em chamar Constance pelo nome de *Lady Chatterley*, enquanto ela tinha relações sexuais com um empregado de seu marido, pois, de fato, ali ela não se comportava como uma *lady* deveria se comportar aos olhos daquela sociedade patriarcal, estando ela nos braços de um subalterno, gritando e gemendo de prazer.

O envolvimento dos amantes, com o passar do tempo, foi de apenas sexual para um envolvimento amoroso, com isso passaram a ter mais encontros, e ela chega a dormir em sua casa, provocando comentários junto aos empregados do marido. Aqui, nota-se que Constance não mais se importa em ocultar seu romance, como no início do relacionamento. Parece provocar, propositadamente, a descoberta de suas relações extraconjugais, de modo que o marido, envergonhado, aceitasse a separação. É preciso lembrar que na época, o divórcio não era permitido por lei, a não ser quando o marido o solicitasse, por isso talvez Constance comece a usar destes artifícios para que o marido desejasse se separar. É inovadora a forma como ela age, pois não sente medo de ser descoberta e sofrer a perda de seus *status* social. Após esses encontros, ela engravidou e em uma conversa eles decidiram que iriam viver juntos. Vejamos:

> – Quero que me prenda nos braços – disse ela. – Quero que me diga que se sente feliz com o nosso filhinho. [...]. Constance despiu-se e obrigou-o a fazer o mesmo. Estava encantadora no brilho da gravidez recente. – Eu não devo tocar em você – disse ele. – Não! Agarre-me e diga que me quer. Diga que vai ficar comigo! Diga que nunca me deixará, haja o que houver. [...]. – Pois bem. Já que quer, ficarei com você – disse ele apertando-a ao peito. (LAWRENCE, 2008, p. 278)

No diálogo, trata-se mais uma vez de a protagonista agir de forma incomum para as mulheres da época, decidindo abandonar o marido, a sua classe, deixar a sua vida ao lado do que seria um marido ideal, para ficar com um homem pobre, que pertencia a outra classe e provavelmente não lhe daria o que Clifford dava em termos financeiros. Mas lhe daria a felicidade que ela procurava como mulher, que era o prazer sexual, o protagonismo de sua própria vida, já que com Clifford ela atuava como uma coadjuvante, agindo como uma cuidadora, o que era esperado das esposas em sua época. Em um diálogo com Clifford fica explícito como a sociedade veria Constance, pelo fato de se separar do marido. "[...] É como sempre imaginei: uma criatura anormal. Não passa duma dessas mulheres pervertidas e meio loucas que não resistem à tentação de correr atrás do depravado. Que têm nostalgia da lama." (LAWRENCE, 2008, p. 296). A traição, em si, já era algo muito negativo, porém, o fato de ser com um homem de classe inferior torna o caso ainda pior, pois além do machismo comum à

sociedade da época, há a condição de classe, que faz com que o envolvimento dela com o empregado do marido seja ainda pior.

Com a análise da obra é possível perceber a evolução da personagem, o quanto ela passa a conhecer o seu corpo mais e mais, tornando-se exigente com o parceiro para obtenção do prazer sexual e isso ajuda totalmente a constituir a evolução da mulher na sociedade, pois, ela se impõe como uma pessoa ativa na relação. Constance se torna um exemplo de que algumas mulheres, nesta época, ousavam romper com os padrões impostos às mulheres por uma sociedade patriarcal, sexista. É curioso notar que este romance, dado o teor sexual, foi proibido de ser publicado na Inglaterra até os anos 1960, o que evidencia que a própria sociedade inglesa não estava pronta para romper com certas amarras sexistas nem mesmo em obras de ficção. O valor deste romance só foi descoberto muito depois, e sua elevação ao nível de clássico da literatura inglesa só ocorreu com a mudança das mentalidades sobre o feminismo, após os anos 1960. D. H. Lawrence, ao criar esta personagem moderna e desafiadora, estava, também, muito à frente de seu tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a confecção da pesquisa, foi feito um levantamento teórico, visando descrever os direitos e deveres das mulheres ao longo do tempo, com foco no fim do século XIX e início do século XX, já que o romance analisado foi publicado em 1928. Inicialmente, falou-se sobre o papel que as mulheres ocupavam na sociedade patriarcal, o que para elas era permitido e o que lhes era negado. Logo após, mostrou-se um pequeno panorama das lutas sociais que as mulheres enfrentaram para reivindicar seus direitos. Em seguida, explicitou-se como essas lutas sociais tiverem reflexos na literatura, sobre como as mulheres eram retratadas nos romances, tanto por escritores como por escritoras, chegou-se, então nas fases do feminismo literário, suas precursoras, o que cada fase representou e de que maneira isso se refletiu nas obras literárias.

Os objetivos da pesquisa foram mostrar a evolução do papel feminino, tanto no campo social quanto no literário, notando, assim, as conquistas que as mulheres tiveram ao longo do tempo, o direito ao voto, divórcio, etc. Já no campo literário, percebeu-se que a forma como as mulheres eram descritas foi mudando, passaram de estereotipadas para personagens com os mais diversos tipos de características. Baseado nisto, analisou-se a personagem Constance da obra *O amante de Lady Chatterley*, de D.H. Lawrence, e observou-se quais os motivos faziam da personagem uma mulher à frente do seu tempo e o porquê de fugir aos padrões da sociedade

patriarcal, destacando as passagens que confirmam que essa personagem se diferenciava das demais mulheres. Portanto, a personagem se destaca, efetivamente, como uma típica personagem da fase feminista da escrita literária, pelo fato do reconhecimento do seu corpo, de descobrir como obter prazer sexual, buscar parceiros que a satisfaçam sexualmente, engravidar fora do casamento e, principalmente, por decidir e conseguir abandonar o esposo para viver com um empregado dele.

Com a análise da obra, concluiu-se que os direitos que as mulheres conseguiram ao longo da história foram conquistados com muita luta e que precisam ser constantemente vigiados para que não sejam perdidos. Neste sentido, o romance aqui analisado tem como função mostrar a evolução do papel feminino dentro da sua época, as conquistas dentro do casamento e do conhecimento do próprio corpo e do prazer sexual, bem como a possibilidade do divórcio.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo: Abril, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**: Fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980a.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**: a experiência vivida Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980b.

BONNICI, Thomas. **Teoria e Crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

LAWRENCE, David H. **O Amante de Lady Chatterley.** São Paulo Editora Martin Claret:, 2008.

MICHEL, Andrée. **O Feminismo:** Uma abordagem histórica. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SOARES, Marcos. Discutindo o sexo dos ingleses. In: Panorama da Literatura Inglesa. **Revista Cadernos Entrelivros**. Ediouro: São Paulo. [s.d.]. p. 84.

ZOLIN, Lúcia Ozana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. (org.) **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003a, p. 161-183.

ZOLIN, Lúcia Ozana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003b, p-253-261.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.